

*Mas o Paraíso está trancado e enclausurado...  
Precisamos fazer a jornada ao redor do mundo  
Para ver se uma porta dos fundos talvez esteja aberta.*



— HEINRICH VON KLEIST, *“On the Puppet Theater”*



## NO COMEÇO



HELSTON, INGLATERRA  
SETEMBRO DE 1854

Por volta da meia-noite, seus olhos finalmente tomaram forma. A expressão neles era felina, parte determinada, parte hesitante — prontos para causar problemas. Sim, aqueles olhos estavam iguaizinhos. Alcançando as sobrancelhas finas e elegantes, a centímetros da cascata escura que era seu cabelo.

Ele estendeu o braço para avaliar seu progresso no papel que segurava. Era difícil trabalhar sem que ela estivesse na sua frente, mas, de qualquer modo, nunca conseguiria desenhar na presença dela. Desde que chegara de Londres — não, desde que a vira pela primeira vez —, ele precisara tomar cuidado para mantê-la sempre à distância.

Agora, ela o abordava diariamente, e cada dia era mais difícil do que o anterior. Era por isso que ele iria embora na manhã seguinte — para a Índia, para as Américas, não sabia e tampouco se importava. Em qualquer lugar que parasse seria mais fácil do que estar aqui.

Ele se inclinou sobre o desenho de novo, suspirando ao usar o polegar para retocar o carvão borrado que delineava o voluptuoso lábio inferior. Esse papel sem vida, um cruel impostor, era a única maneira de levá-la consigo.

Então, se endireitando na cadeira de couro da biblioteca, ele sentiu. Aquela brisa morna em sua nuca.

*Ela.*

Sua mera proximidade dava-lhe a mais peculiar das sensações, como o calor que emana de uma acha de lenha, queimando até um monte de cinzas numa fogueira. Ele sabia sem precisar virar o rosto: ela estava lá. Escondeu o retrato no meio dos papéis amontoados em seu colo, mas não podia escapar dela.

Os olhos dele recaíram sobre o sofá estofado cor de marfim do outro lado do salão, onde apenas algumas horas antes ela aparecera inesperadamente, depois dos outros de seu grupo, usando um vestido de seda cor-de-rosa, para aplaudir a filha mais velha do anfitrião, que tocara uma bela música no cravo. Seu olhar cruzou a sala até a janela que dava para a varanda, onde no dia anterior ela surgira para ele com um punhado de peônias brancas nas mãos. Ela ainda achava que a atração que sentia por ele era inocente, que seus frequentes encontros na varanda eram meramente... felizes coincidências. Tão ingênua! Ele nunca contaria a verdade — o segredo era um fardo que suportaria sozinho.

Ele se levantou e deu meia-volta, deixando os esboços para trás, sobre a cadeira de couro. E lá estava ela, encostada nas cor-

tinas de veludo vermelho, em seu simples vestido branco. O cabelo negro se soltara das tranças, e a expressão em seu rosto era a mesma que ele havia desenhado tantas vezes. Havia um fogo subindo em sua face. Estaria zangada? Envergonhada? Gostaria de saber, mas não podia se permitir a pergunta.

— O que está fazendo aqui? — Ele pôde ouvir o rosnado em sua própria voz, e se arrependeu da grosseria, sabendo que ela nunca entenderia.

— Eu... Eu não consegui dormir — gaguejou, indo em direção ao fogo e à cadeira dele. — Vi a luz em seu quarto e também — ela parou, baixando os olhos para as mãos — seu baú do lado de fora da porta. Vai a algum lugar?

— Eu pretendia contar a você — começou ele. Não devia mentir. Mas nunca teve a intenção de deixá-la a par de seus planos. Contar só pioraria as coisas. Já tinha deixado as coisas irem longe demais, com esperança que essa vez fosse ser diferente.

Ela se aproximou mais um pouco e seus olhos pousaram sobre o caderno de desenho.

— Estava me desenhando?

Seu tom assustado o lembrou de como era grande o abismo entre os dois. Mesmo depois de todo o tempo que tinham passado juntos nas últimas semanas, ela não tinha nem começado a enxergar a verdade que estava por trás da atração entre eles.

Isso era bom — ou, pelo menos, era o melhor para ela. Durante os últimos dias, desde que ele resolvera ir embora, estivera lutando para se afastar dela. O esforço lhe exigiu tanto que, assim que se viu sozinho, teve que ceder ao desejo acumulado de desenhá-la. Enchera o caderno de páginas retratando seu pescoço arqueado, sua clavícula marmórea, o abismo negro de seus cabelos.

Agora, ele olhava de volta para o esboço, sentindo não vergonha por ter sido surpreendido desenhando-a, mas coisa pior. Um arrepio gelado se espalhou pelo seu corpo quando percebeu que aquela descoberta — a revelação do que sentia — a destruiria. Ele deveria ter tomado mais cuidado. Era assim que sempre começava.

— Leite morno com uma colher de melado — murmurou ele, ainda de costas. Depois, acrescentou com tristeza. — Vai ajudá-la a dormir.

— Como você sabia? Minha nossa, era exatamente isso que minha mãe costumava...

— Eu sei — interrompeu, se virando para encará-la. O espanto na voz dela não o surpreendia, mas mesmo assim não podia explicar como sabia o que fazer, ou contar quantas vezes ele mesmo tinha preparado essa bebida no passado, quando as sombras chegavam, ou como a tinha segurado nos braços até que adormecesse.

Ele sentiu o toque dela como se o estivesse queimando através da camisa, a mão pousada gentilmente em seu ombro, fazendo-o arfar. Os dois ainda não haviam se tocado nessa vida, e o primeiro contato sempre o deixava sem ar.

— Me responda — sussurrou ela. — Está indo embora?

— Sim.

— Então me leve com você — disse ela abruptamente. No mesmo momento, ele viu que ela prendia a respiração, desejando ser possível retirar o que acabara de dizer. Podia ver a sucessão de emoções se formando no vinco entre seus olhos: ela se sentiria impetuosa, depois desnorreada, e em seguida envergonhada pela própria ousadia. Ela sempre fazia isso e, muitas vezes antes, ele tinha cometido o erro de confortá-la nesse exato momento.

— Não — sussurrou, lembrando... sempre lembrando... — Embarco amanhã. Caso se importe ao menos um pouco comigo, não dirá mais uma palavra.

— *Caso* eu me importe com você — repetiu ela, quase como se estivesse falando sozinha. — Eu... Eu *amo*...

— Não diga isso.

— Tenho que dizer. Eu... Eu amo você, tenho quase certeza, e se você for embora...

— Se for embora, salvarei sua vida. — As palavras foram enunciadas lentamente, tentando alcançar a parte dela que talvez se lembrasse. Será que tinha alguma coisa lá, enterrada em algum lugar? — Algumas coisas são mais importantes que o amor. Você não vai entender, mas precisa confiar em mim.

O olhar dela o atravessou. Ela deu um passo para trás e cruzou os braços. Isso era culpa dele também — sempre despertava o lado desdenhoso da moça quando a tratava assim.

— Quer dizer que existem coisas mais importantes do que isso? — ela o desafiou, pegando as mãos dele e levando-as até seu coração.

Ah, como ele queria ser ela e não saber o que aconteceria a seguir! Ou pelo menos gostaria de ser mais forte do que era e conseguir impedi-la. Se não a impedisse, ela nunca aprenderia, e o passado apenas continuaria se repetindo, torturando-os num ciclo sem fim.

O calor familiar da pele dela sob suas mãos fez com que ele pendesse a cabeça para trás e gemesse. Estava tentando ignorar a proximidade entre os dois, como ele conhecia bem o toque dos lábios dela nos seus, como era amargo saber que tudo isso teria que acabar. Mas seus dedos se tocavam tão de leve. Ele podia sentir seu coração acelerado através do vestido de algodão fino.

Ela estava certa. Não havia nada mais importante do que isso. Nunca houve. Ele estava prestes a ceder e tomá-la nos braços quando viu a expressão em seus olhos. Como se tivesse visto um fantasma.

Foi ela quem se afastou, com uma das mãos sobre a testa.

— Estou tendo a sensação mais estranha — sussurrou.

Não... já seria tarde demais?

Os olhos dela se estreitaram até a expressão retratada no esboço e ela voltou a se aproximar novamente, as mãos sobre o peito, seus lábios abertos de expectativa.

— Diga-me que enlouqueci, mas juro que já estive exatamente aqui antes...

Então *era* tarde demais. Ele ergueu os olhos, trêmulo, e pôde sentir a escuridão caindo sobre os dois. Ele aproveitou aquela última chance de segurá-la, de abraçá-la o mais forte que podia, como havia ansiado durante semanas.

Assim que os lábios dele se fundiram com os dela, não havia mais poder algum em suas mãos. O gosto de madressilva de sua boca o deixava tonto. Quanto mais próxima ela ficava, mais seu estômago se retorcia com a excitação e a agonia de tudo aquilo. Sua língua tocava a dele, e o fogo entre os dois ardia mais forte, mais quente, mais poderoso a cada novo toque, cada nova descoberta. E, ainda assim, nada disso era novidade.

O lugar tremeu. Uma aura em volta do casal começou a brilhar.

Ela não notou nada, não estava ciente de nada, não entendia nada além daquele beijo.

Só ele sabia o que estava prestes a acontecer, quão sombria era a companhia que se preparava para se juntar àquele reencontro. Mesmo incapaz de, mais uma vez, alterar o curso de suas vidas, ele sabia.

As sombras rodopiavam diretamente acima dos dois. Tão perto que ele poderia tê-las tocado. Tão perto que o fez considerar se ela podia ouvir o que estavam sussurrando. Ele observou enquanto seu rosto se obscurecia. Por um momento, viu um brilho de reconhecimento crescendo nos olhos dela.

E então não havia mais nada, absolutamente nada.